

RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié

ISSN: 2789-4487

Vol. 3, Nº1, Janeiro – Junho, 2023

ANÁLISE PROSPECTIVA DA INTRODUÇÃO DA FILOSOFIA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR, ENSINO PRIMÁRIO E I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prospective analysis of the introduction of philosophy in the curriculum of pre-escolar education,
primary education and I cycle of secondary education

Análisis prospectivo de la introducción de la filosofía en el currículo de educación preescolar,
educación primaria y I ciclo de educación secundaria

Joaquim Edgar de Jesus Manuel¹

<https://orcid.org/0009-0003-8146-499X>

RECEBIDO: Dezembro, 2022 | **ACEITE:** Março, 2023 | **PUBLICADO:** Junho, 2023

RESUMO

O presente artigo, é parte do meu projecto de monografia, sobre A Divulgação da filosofia na camada juvenil de Luanda em idade escolar correspondente ao IIº e IIIº Níveis do Ensino de Base. A pesquisa traz como objectivo, proporcionar às crianças e aos adolescentes um espaço educativo, reflexivo que propicie o evoluir das habilidades cognitivas, que o leve a pensar de forma livre e crítica. O estudo de campo serviu, para recolha de informação e cingiu-se no modelo paradigmático de investigação crítica decorrente de uma metodologia quantitativa sustentada pelo estado da arte, da aplicação de questionários, a observação etnográfica e aplicação do método indutivo. Os resultados confirmaram, que o ensino da filosofia leva a criança, em ter um poder de argumentação; apontam evidências, que os professores deveriam ter mais formação em Filosofia; mostraram evidências, que o ensino de filosofia na criança contribui na aprendizagem significativa; realçaram a concordância dos enqueridos, em que o currículo do I Ciclo do Ensino Secundário deve incluir a disciplina de Filosofia; demonstraram evidências, que a obrigatoriedade à assistência as aulas de filosofia não é tão relevante, embora a revisão de literatura trazidas por aqueles países, que experimentaram tais proezas recomendam que a assistência as aulas sejam obrigatórias. Os estudos concluíram, estar em conformidade com a inserção de temas transversais, por meio de novelas e romances filosóficos para o pré-classe e ensino primário e com a inserção da disciplina de Filosofia para o I ciclo do ensino secundário.

Palavras-chave: Filosofia para Crianças; Habilidades cognitivas; aprendizagem significativa.

¹ Professor Diplomado do II Ciclo do Ensino Secundário do 2º grau do Instituto Nacional de Avaliação e Desenvolvimento da Educação; Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação Luanda. Angola: joaquimedgar@hotmail.com

ABSTRACT

This article is part of my monograph project on The Dissemination of Philosophy in the youth layer of Luanda in school age corresponding to the II^o and III Levels of Basic Education. The research aims to provide children and adolescents with an educational space, reflective that allows the evolution of cognitive abilities, which leads them to think freely and critically. The field study served to collect information and was based on the paradigmatic model of critical investigation resulting from a quantitative methodology supported by the state of the art, the application of questionnaires, ethnographic observation, and application of the inductive method. The results confirmed that the teaching of philosophy leads the child, in having a power of argumentation; point evidence, that teachers should have more training in Philosophy; showed evidence, that the teaching of philosophy in the child contributes to meaningful learning; highlighted the agreement of the loved ones, in which the curriculum of the 1st Cycle of Secondary Education should include the discipline of Philosophy; demonstrated evidence, that the obligation to assist philosophy classes is not as relevant, although the literature review brought by those countries, which experienced such feats recommend that assistance to classes be mandatory. The studies concluded, to be in conformity with the insertion of transversal themes, through novels and philosophical novels for pre-class and primary education and with the insertion of the discipline of Philosophy for the I cycle of secondary education.

Keywords: Philosophy for Children; Cognitive abilities; meaningful learning.

RESUMEN

Este artículo forma parte de mi proyecto monográfico sobre La Difusión de la Filosofía en la capa juvenil de Luanda en edad escolar correspondiente a los II^o y III Niveles de Educación Básica. La investigación tiene como objetivo proporcionar a los niños y adolescentes un espacio educativo, reflexivo que permita la evolución de las capacidades cognitivas, lo que los lleve a pensar libre y críticamente. El estudio de campo sirvió para recoger información y se basó en el modelo paradigmático de investigación crítica resultante de una metodología cuantitativa apoyada en el estado de la técnica, la aplicación de cuestionarios, la observación etnográfica y la aplicación del método inductivo. Los resultados confirmaron que la enseñanza de la filosofía lleva al niño, en tener un poder de argumentación; evidencia puntual, que los maestros deben tener más formación en Filosofía; mostró evidencia, que la enseñanza de la filosofía en el niño contribuye al aprendizaje significativo; destacó el acuerdo de los seres queridos, en el que el currículo del 1er Ciclo de Educación Secundaria debe incluir la disciplina de Filosofía; evidencia demostrada, que la obligación de asistir a las clases de filosofía no es tan relevante, aunque la revisión de la literatura presentada por esos países, que experimentaron tales hazañas, recomienda que la asistencia a las clases sea obligatoria. Los estudios concluyeron, de conformidad con la inserción de temas transversales, a través de novelas y novelas filosóficas para educación preescolar y primaria y con la inserción de la disciplina de Filosofía para el I ciclo de educación secundaria.

Palabras clave: Filosofía para niños; Habilidades cognitivas; aprendizaje significativo.

1 - INTRODUÇÃO

A filosofia, como parte fundamental do pensamento lógico ao mais alto nível, que caracteriza o homem como ser pensante e racional, pode ser compreendida de diferentes maneiras por não ser um saber enciclopédico, tal como acontece com as outras formas de saber. A título de exemplo e como Menezes, (2021) salienta, a ciência, por ser o conhecimento que se fundamenta na observação, na experimentação e na produção de teorias e leis, o seu objectivo consubstancia-se em explicar, descrever e prever a sucessão dos possíveis fenómenos, passíveis de ocorrer a partir dos procedimentos e métodos.

Nessa diversidade de contextualização, estudos já realizados demonstraram que, a filosofia também é entendida como um dispositivo do pensamento lógico, que elitiza o pensar, uma experiência, que com ela o homem se surpreende cada dia que passa. Essa forma de pensar, como sustenta Kohan, (2005), leva o homem a encontrar o que não procura encontrar, problematizar o que vive e transformar a realidade que vive. E que de maneira assertiva, é a partir deste dispositivo que subjaz a produção de teorias e leis científicas, que se deve acautelar as implicações, conclusões e previsões destas teorias desde que sejam adversas por um lado. Por outro, se tivermos em conta que a filosofia é o meio por excelência que caracteriza e individualiza o homem com procedimentos próprios, tendo em conta a sua realidade natural e espiritual diferenciando-o, assim, do seu semelhante na sua forma de ser e estar.

Ainda assim, nesse prisma de consideração, a filosofia é também tida como um dos saberes sobreviventes entre os demais, que resistiu as intempéries dos outros ramos do conhecimento, pelo facto de reivindicarem os seus conhecimentos, como sendo suas bases epistemológicas. Entretanto, num mundo globalizado, problemático, pragmático e objectivo, continua válido e necessário a produção de teorias e leis científicas na formação intelectual do homem, de preferência na menor idade, a partir do ensino da Filosofia. Para o efeito, estudos apontam que, com o ensino da Filosofia para Crianças como disciplina, não deve ser mantida fora do sistema educativo, se tiver em vista as abordagens pedagógicas e antropológicas contidas nos programas curriculares, (Incontri & Bigheto, 2001, p. 1). Os que não se revejam no aprendizado do ensino da filosofia com início no pré-escolar apontam que as crianças nesta fase de ensino, não possuem habilidades suficiente preparadas em estimular o pensamento infantil para a atitude filosófica, particularidade relevante para fundamentar, o aprimoramento do desenvolvimento cognitivo, nessas classes de ensino.

Estudos feitos por vários autores tidos como clássicos, como Platão, no livro "A República" (Cf.cap.VII), demonstraram que a este nível o ensino de filosofia torna a criança capaz de indagar, questionar de maneira filosófica, desde que as mesmas sejam preparadas. Para esse propósito, digamos que as crianças são nesse quesito, para o mundo, pequenos filósofos, por elas, através de determinadas actividades, como brincadeiras infantis extraídas das novelas filosóficas adquiram a capacidade de promover as competências de diálogo, respeito, tolerância através da criação de uma pequena comunidade de investigação em sala de aula. Isso acontecendo, desenvolverá significativamente o espírito crítico da criança, como também, recairá nela a capacidade de agilizar o pensamento e o discurso, factor preponderante, para desenvolver as competências de leitura e da escrita. Essa tese contraria todos aqueles que não acolhem o ensino da filosofia à partir do pré-escolar, se tivermos em conta, que a metodologia de ensino Lipmaniano é aplicável em sala de aula.

Assim sendo, tendo em conta, os trabalhos produzidos na área de Filosofia para Crianças por autores como Lipman, Sharp, Scolnicov, tidos como os percussores, também outros estudos decorrentes da área do conhecimento do mundo social, onde destacamos os estudos coordenados por Da Silva (2016) e Rodrigues (2013), estas experiências, desde que introduzidas e alargadas a partir da Educação Pré-escolar promoverá a criança a ser curiosa de maneira natural e que, quererá questionar, estimulando, assim, o desejo de saber e compreender o porquê das coisas. Tudo isso são experiências vividas em países como Portugal, Brasil, como mostram os trabalhos produzidos por Cardoso (2001); Sousa (2019). Essas práticas introduzidas no sistema educativo de Angola, mesmo na iniciação, abordados por Dinis (2011), sustentada por Sharp (2001), ainda que na iniciação, a mes-

ma proeza tenderá elevar a criança para uma outra dimensão, pois começará a ter o discernimento de pensar por si mesma, ter uma certa autonomia em querer questionar e o que questionar, tornando-a mais culta. Isto porque com todas essas valências, a criança começa a ter domínios de regras, que as permitem saber interpretar diferentes disciplinas com linguagens acometidas a essas mesmas disciplinas e de pensar fluentemente nessa mesma linguagem.

O aprendizado circunscrito nas diferentes áreas de conhecimento do Mundo social não só é pleno de enraizar-se no pensamento crítico da criança e do adolescente, como também é fomentado pelas oportunidades, por estar por dentro de tudo aquilo que ela aprende, para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, como defende Da Silva (2016), se tiver em conta o conhecimento empírico que o meio social poderá proporcionar à criança que vai suscitar a sua curiosidade, que de certa forma vai estimular o interesse pelas brincadeiras, em questionar, descobrir e compreender a maneira que as coisas são formuladas. Isso torna indivíduo mais prudente nas suas atitudes e encoraja-a a construir as suas teorias e conhecimento acerca da sua comunidade de investigação. Dentro do programa de Filosofia para Crianças, esses estímulos repercutem-se a partir das novelas e romances filosóficos introduzidas no ensino da filosofia para criança por Lipman.

Todavia é importante realçar, o que são novelas e romances filosóficos e o que promovem ao ensino-avaliação-aprendizagem da filosofia nesse subsistema de ensino? Esta proposta provém de Lipman, que segundo Kohan (2000) explicita, que novela filosófica, é um processo de reconstrução de história e contos, onde a maioria dos personagens são crianças, quase que, com as mesmas idades daquelas que estão em sala de aula. Assim sendo, as novelas traduzem-se em diálogos entre o educador e crianças. O diálogo, para esse estudo é o diálogo investigativo, que na visão de Mathew Lipman, facilita o envolvimento entre o educador e a criança, ele é um método suportado por várias formas de linguagem, tendo em conta, que esse exercício de interação é possível de ser aplicável a partir da pré classe e vai até a 6ª classe. Com esse método, a criança passará a ter maior discernimento em promover novas descobertas e ser capaz de representar a realidade através de uma linguagem simbólica, como defende Bruner (1960) provocado por Marque (1998). Essa capacidade, remete a criança pelo interesse em saber questionar, a partir de brincadeiras e ilustrações, que podem ser, por imagens e dramatologia. Este exercício de actividades significativas eleva as crianças num patamar de desenvolvimento mais proativas e criativas.

Porquanto, o romance filosófico, circunscreve-se no processo de ensino-avaliação-aprendizagem, por nele estar incorporado narrativas traduzidas em histórias, desde que contextualizada a partir de factos ficcionados com um pendor de realidade. Essas mesmas narrativas também são traduzidas para reflexão filosófica, quando revertidas e abordadas em textos. Essas histórias, uma vez interpretadas e reflectidas pelos adolescentes vão proporcioná-los, maior progressão nas suas habilidades cognitivas, a partir de diálogos promovidos em sala de aula, sobre determinados temas. Como exemplo, o romance filosófico Mundo de Sofia do norueguês Jostein Gaarder. Nessa perspectiva, ao contrário das novelas filosóficas, no romance filosófico, a sua interação é para um aprendizado com um estágio de desenvolvimento maior, que corresponde ao I Ciclo do Ensino Secundário Geral, com classes compreendida a partir da 7ª a 9ª, onde o sujeito já tem a noção do que lê, por saber interpretar o texto que lê e concomitantemente sabe reflectir sobre as ideias extraídas aquando da interpretação do texto, no que o leva pensar melhor sobre determinado assunto depois de ler. Ainda assim, para o contexto de Angola, os romances filosóficos, devem ser contemplados, com autores, angolanos e serem reflectidas, em obras literárias, como sendo, os poemas de Agostinho Neto, António Jacinto, Viriato da Cruz, etc.

e ficcioná-los nos diferentes contextos da história de Angola e conduzi-los para a Comunidade de Investigação em sala de aula, com o merecido tratamento, para então serem incorporados, no imaginário das crianças e torná-las então os personagens principais destas mesmas peças.

Todo esse exercício em estimular o pensamento crítico da criança com vivências angolanas, através de novelas e romances filosóficos faz com que as mesmas dentro da comunidade de investigação em sala de aula, não só adquirem e partilhem conhecimentos, dos conteúdos curriculares e do ambiente social, como também constitui numa fonte de aquisição de vários saberes e comportamento, que quando abordados de forma estruturados proporcionará nova área de conhecimento com saberes articulados e integrados, mobilizando novas aprendizagens. Deste modo, a criança e o adolescente terão que ser mais perceptíveis, para serem capazes de estruturar e representar a sua compreensão do mundo, como defende Da Silva (2016), que para o caso deverão ter domínio da linguagem oral e escrita, de modo que a matemática e demais disciplinas sejam de fácil compreensão.

Importa salientar, como defende Rodrigues (2013), toda essa estrutura lógica é fortalecida pelo pensamento crítico da criança, por estarem atinentes as bases de estruturação do pensamento científico. Este procedimento, na visão Limpan, é construído na comunidade de investigação e que de forma mais aprofundado e alargado faz com que ela venha ter maior atenção em sala de aula, permitindo-lhe ter a capacidade de organizar as suas ideias, como também a capacidade retórica de interpretar os textos. Todo esse processo com certo rigor produzirá na criança a curiosidade centrada na capacidade de observar e sobretudo no desejo de querer experimentar

Entretanto, todos esses elementos são essenciais para uma boa compreensão e assimilação dos conteúdos resultantes das dinâmicas dos variados cursos de Filosofia, que para o caso a Filosofia da Educação, uma vez que o raciocínio lógico ocorre no contexto da filosofia, isto é, é através do ensino da filosofia que direcciona o saber pensar e que proporciona os instrumentos para problematizar coerentemente outras disciplinas, por ser ela que se ocupa na sua essência “com conceitos contestáveis, não monolíticos, questiona, investiga, analisa e segmenta as partes obscuras do conhecimento e volta a peneirar sobre outro olhar o que é dado com adquirido” (Sharp & Moura, 1988, p.51).

Nesses pressupostos, a Filosofia sendo uma fonte de conhecimento que coloca o pensamento em processamento, tornando-o num catalisador problematizador do porquê das coisas e ao ser compreendida e comprometida como um programa curricular pedagógico, ela passa a estar focada não só no desenvolvimento das capacidades de raciocínio, mas sobretudo no pensamento em geral da criança, cujos conteúdos estão vocacionados a elas. Este procedimento encoraja as crianças a falarem no devido momento e a ouvirem-se uma às outras para poderem discutir numa perspectiva filosófica na presença de um professor. É ponto assente que a este nível o objectivo pedagógico não é de confrontar as crianças com as ideias e obras de filósofos, mas, pelo contrário, leva-las a promover a sua forma de pensar com certa autonomia, a partir de estímulos, que, segundo Oliveira (1991), ela começa a falar espontaneamente, pois é nessa idade que ela começa a ter a necessidade de desenvolver a sua imagem, a capacidade de improvisar, quando ainda estiver a comunicar consigo mesmo, em relação de tudo aquilo que o meio estiver a proporcionar.

O autor defende, ainda, que todas essas valências, que estão contempladas na comunicação linguística servem como ferramenta para a Educação Pré-escolar, por ser a linguagem que, na visão de Zabalza (2001), serve de instrumento basilar do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, que os leva a desenvolver o pensamento verbal, como sendo o discurso interno, que por sua vez auxilia o sujeito nas suas operações lógicas. Este procedimento leva o educador ao interagir com a criança, tornando-a capaz de construir e representar as suas aprendizagens, resultantes da motivação, explicação, questionamento e a avaliação protagonizada pelo educador. Segundo M. Lipman, este exercício é feito a partir de novelas filosóficas e de brincadeiras daí derivadas, através de contos de histórias infantis.

Estudos feitos por Lipman, (1973, 1988, 1990, 1995 e 2001), Sharp, (1988, 1994, 2001), Scolnicov (1999) e outros apontam que países como os Estados Unidos da América, França, Inglaterra, Portugal, Alemanha e mais tarde países emergentes como o Brasil registaram um grande desenvolvimento no sistema de educação e ensino, da Educação Pré-escolar até ao Ensino Secundário, com a inserção de conteúdos de filosofia, (denominados por educação para cidadania e educação para o pensar), em romances e novelas filosóficas e sobretudo de brincadeira infantis, com personagens criadas pelos os especialistas fazedores do programa de Filosofia para Crianças. As crianças a esse nível conseguiam discernir melhor as suas habilidades cognitivas se comparadas antes da inserção desses conteúdos (Incontri & Bigheto, 2001, p.1). Este procedimento, para realidade angolana, é tido como válido se considerar, que a qualidade do ensino deve sim passar por esse processo.

Estudos mais recentes, sobre o mesmo protagonismo, como nos mostra (Dinis, 2011) revela que na Austrália, México e no Québec comprovaram, que a criança, nessas condições “aprende a dar e a criar razões para os seus pensamentos”, isso fez com que elas soubessem apresentar as suas convicções para criar um “desequilíbrio dialógico e cognitivo” capaz de ao levar ao nível do pensamento superior. Estes estudos demonstram, que a partir desse período, que teve início nos anos 60, o ensino de filosofia passou a ser monitorada por programas sistematizadas viradas, para um programa de ensino de filosofia para crianças. Este propósito objectivava reformar o sistema de educação americano, na época, que segundo o M. Lipman, citado por Kohan (2000) era “incapaz de promover o desenvolvimento adequado do raciocínio e da capacidade de julgar dos alunos”, que considera indispensável a prática de filosofia para crianças. Se, por um lado, a filosofia através do método dedutivo leva-nos a ter o domínio do conhecimento a partir de dentro, isto é, do subconsciente do individuo, ferramenta preponderante para o aprendizado da criança em sala de aula. Estudos produzidos por (Durkheim, 2007, publicado por Bianca Wild), sustentam, que o conhecimento ao provir de fora, através da observação empírica dos factos, resulta de uma autoconsciência colectiva às diferentes experiências de identidades sociais compartilhadas na comunidade de investigação, por proporcionar ao indivíduo o sistema de princípios, conceitos e valores morais.

É bem verdade que o objectivo consubstanciava-se na fundamentação teórica da importância da filosofia na educação das crianças, mas a questão fulcral estava em como desenvolver metodologias e um currículo específico destinados às escolas, pelo que, era necessário a institucionalização de uma nova área de conhecimento, não apenas para o currículo, como também para a própria filosofia, que seria o de fazer filosofia com crianças e para crianças.

Toda essa revolução no ensino não só inspirou governantes de outros países, como também teceram ideias críticas e alternativas, no que concerne ao questionamento, como deveria ser aplicada, com que metodologias e como praticá-las, como nos aponta Kohan (2000). Pelo facto de cada país ter as suas especificidades culturais e procedimentos de ensino. Esse exercício liderado por M. Lipman foi e continua a ser bem acolhido por aqueles que têm a educação como a mola impulsadora para o desenvolvimento humano e das populações, pois não se pode negar a iniciativa de Lipman, que é de “trazer para o campo da reflexão filosófica um objecto que pouco a frequentou: a infância”, por reavivar o “debate sobre a qualidade crítica do ensino de filosofia correntemente ministrado nas salas de aula”. Esta forma de ensino leva o aluno em ter um pensamento original das histórias que ouve e dos debates por eles realizados.

O domínio dessas competências demonstrado por Bruner (1960) citado por Marques (1998), resumem-se na capacidade e habilidades na expressão verbal e escrita, passa ser o promotor das competências cognitivas das crianças, a partir do Pré-escolar ao Ensino Primário e, para os adolescentes no percurso do I Ciclo do Ensino Secundário Geral, proporcionando-o maior interação com o seu meio. Esse processo de ensino-avaliação-aprendizagem, segundo as teorias de Bruner (1960), defendido por (Marques, 1998) denominadas por aprendizagem por descoberta, onde a interpretação de texto, para além de colocar a criança por dentro do conhecimento, leva-o a descobrir, como as coisas são e o seu relacionamento com os outros de forma activa e construtiva. Assim sendo, o sujeito passa ter o discernimento em desenvolver as suas capacidades, para melhor absorção dos conhecimentos e sabê-los interpretá-lo e nunca a sua memorização. Foi a partir de então que a filosofia deixou de ser aquela disciplina que passava pela memorização de datas, acontecimentos e nomes e passou a ser, aquela que provinha e estimuladas por questionamentos e raciocínios criativos.

Esse processo de aprendizagem propiciado pela comunidade de investigação faz com que as crianças aprendam a desenvolver outros paradigmas, que elevam a sua razão de ser e de questionar suficientemente fundamentados, no desenvolvimento do seu pensamento lógico. Essa práxis elevará também a criança de forma gradual a elaborar pontos de vista cada vez melhorados no aprendizado de saber fazer e “outorgar critérios” que são essenciais para fundamentar aquilo que eles pensam.

Este estudo, por si problemático e sugestivo, debruçar-se-á em torno do ensino da filosofia em crianças e adolescentes com idade escolar entre os 05 e 14 anos, isto é, da educação pré-escolar, até a 9ª classe. Esta problematização levou-nos a conduzir a seguinte questão: até que ponto o ensino da filosofia contribui para a aprendizagem significativa do aluno da Educação Pré-escolar, Ensino Primário e I Ciclo do Ensino Secundário?

Em torno do problema, foram colocadas as seguintes questões:

- A prática de diálogo que compreende a sala de aula como uma comunidade de investigação pode ser compreendida como uma metodologia válida para a criança e o adolescente pensar de modo crítico, reflexivo e investigativo?
- Romances e novelas filosóficas para as diferentes idades e níveis de escolaridade em sala de aula, como uma comunidade de investigação pode ser compreendida como uma metodologia válida para o ensino como construção de conhecimento?

Estas últimas questões levaram o estudo a formular algumas hipóteses na tentativa de responder o problema e saber se está ou não em conformidade com as informações que constituem no tema. Pois, numa visão hipotética alguém pode pensar que a Filosofia para Crianças desde que ensinada a partir de certa idade, é tida como o catalisador de discernimento para o bem e para o mal resultante das experiências acometidas pelas próprias crianças, levando-as a optarem pelo lado do bem, posicionando-se, com maior clareza para melhor compreender os desafios do cotidiano. Ainda assim, nesse discernimento de ideias, é bem verdade, para os que assim procederem estão de certa forma a posicionarem-se correctamente.

A razão pela escolha do tema deveu-se ao facto dos alunos no Ensino Primário e I Ciclo do Ensino Secundário Geral apresentarem um quadro negativo, com deficiências na leitura, interpretação de textos, falhas na dicção das palavras, que de certa maneira fazem com que os mesmos encontrem dificuldades nas disciplinas de Língua portuguesa e de Matemática, tidas como base para a compreensão das demais disciplinas e que segundo a escala de avaliação definida no Sistema de Avaliação das Aprendizagens, como nos é apresentada o Relatório da Avaliação global da reforma educativa de 2014:

Desempenho dos alunos por níveis de classificação na escala de avaliação de 0-10 valores, para o Ensino Primário – Nível 1; conhecimento e compreensão, 6 valores; Nível 2, análise e aplicação, 2 valores; Nível 3, tratamento de informação e solução de problema, 2 valores. Língua portuguesa; 4,5 valores, correspondentes a 39,96% medíocre. Matemática; 4,7 valores, correspondentes a 30,8% medíocre; (Relatório da Avaliação global da reforma educativa, 2014, p.119/122)

Desempenho dos alunos por níveis de classificação na escala de avaliação de 0-20 valores, para o I Ciclo do Ensino Secundário – Nível 1; conhecimento e compreensão, 10 valores; Nível 2, análise e aplicação, 5 valores; Nível 3, tratamento de informação e solução de problema, 5 valores. Língua portuguesa; 11,1 valores, correspondentes a 34,10% suficiente. Matemática; 8,1 valores, correspondentes a 50,4% medíocre; (Relatório da Avaliação global da reforma educativa, 2014, p.125/129).

Estes resultados fortaleceram, de certa maneira, o nosso interesse, que passa por ser a possibilidade de fazer com que o currículo no sistema de ensino contemple todos esses desideratos, para posterior reformulação da disciplina de Filosofia para Crianças, que colocaria aos alunos a este nível numa outra dimensão, que é de pensarem de forma coerente. Assim, pensa-se também, que para que a criança tenha uma educação plena, que lhe permita pensar por si a partir da iniciação, é necessário introduzir um currículo novo com todas essas nuances, de modo a desenvolver nelas competências que a tornam capazes de desencadear a vontade, a motivação, para uma Educação para o pensar em que o questionamento e o diálogo sejam a base de conhecimento, essenciais para o seu perfeito domínio.

Para o efeito, a metodologia a ser utilizada em sala de aula, de modo a superar toda essa lacuna, o método proposto, é o lipmaniano, o qual estabelece a comunicação linguística, através do diálogo, como a via adequada para a interacção entre a criança e o educador. O diálogo nesse processo é toda uma reflexão conjunta e observação cooperativa da experiência exercida em sala de aula. Este procedimento de certa forma melhora a comunicação entre o educador e a criança, como também leva o aluno a ter a capacidade de processar novos conceitos e significados compartilhados. Isto porque, através do diálogo, na perspectiva lipmaniana, o aluno em sala de aula compartilha ideias por pensar com os demais colegas sobre a mesma matéria.

O diálogo investigativo como metodologia do processo de ensino reflecte-se no método socrático, como método de educação, que para Sócrates denominamos por ironia e maiêutica. Nessa perspectiva, a ironia vai permitir que a criança, ao tomar consciência do problema que ela mesma coloca em sala de aula, isto é, começando por indagar sobre o porque das coisas, dê, por conta própria, as possíveis soluções, que daí podem advir, enquanto que a maiêutica, no processo de ensino-avaliação-aprendizagem, a criança é estimulada, em sala de aula, saber interrogar, como também sugerir, de modo a ter o discernimento de criar e de descobrir a solução dos problemas muitas das vezes por si levantadas.

A importância do diálogo nessas duas nuances, como método, fundamenta-se na tese de que o aprimoramento da linguagem é a base para o desenvolvimento das habilidades cognitivas necessárias a um pensar logicamente estruturado. Nesse sentido, como nos mostra Dinis (2011), o diálogo, ao contrário da conversa, é investigação, que busca conhecimento, que passa a ser uma exploração conjunta, a verdadeira práxis filosófica, que passa ser também um instrumento capaz de facilitar o processo de ensino-avaliação-aprendizagem, levando a criança e o adolescente a ter melhor discernimento, que o vai levar a pensar de forma ordenada, coerente e investigativa, que ao mesmo tempo que aprende a aprender, aprende também a questionar. Nesse processo, a criança e o adolescente terá que ter um aprendizado que o leva a passar por vários estágios no saber questionar.

O ensino da filosofia a partir do Programa de Filosofia para Crianças, segundo a perspectiva de M. Lipmana, para o presente estudo traz como desígnio proporcionar às crianças e aos adolescentes um espaço educativo, reflexivo que propicie o evoluir das habilidades cognitivas, que os leve a pensar de forma livre e crítica, sendo uma das particularidades do pensamento filosófico, e provado por vários filósofos que fundamentam que essa forma de raciocínio traduz-se num pensar capaz de estimular a curiosidade, a investigação, a argumentação, a criticidade e a criatividade, tornando a criança e ao adolescente profícuo no ser, estar e fazer.

Assim sendo, recorrendo as provocações feitas por Lipman (2001) em que a sala de aula são tidas como sendo comunidade de investigação, defendidas por Cardoso (2011, p.17), dessas comunidades, espera-se que a criança e adolescente consigam: (i) Desenvolver as habilidades cognitivas dentro de um contexto significativo e através do diálogo resultantes da interpretação dos diferentes conceitos; (ii) Incentivar a aprendizagem, o pensar ponderado, a capacidade inventiva de uma maneira contextualizada através de procedimentos dialógicos; (iii) Construir conhecimentos para cidadania, através de uma convivência saudável, respeitando as ideias contraditórias e a diversidade cultural, onde a sala de aula tornar-se-á num laboratório de investigação.

Os resultados esperados para o presente estudo, consubstanciam-se no desenvolvimento das habilidades cognitivas e das competências das crianças e dos adolescentes. Estas capacidades integram as atitudes investigativas quando inseridas em aulas cujos temas tenham a ver com a Comunidade da investigação filosófica, que fará com que elas aprendam a clarificar as ideias, participar das actividades em grupos, saber ouvir, para respeitar opiniões de terceiros, para que haja razoabilidade.

2 - METODOLOGIA

Os métodos utilizados na investigação fundamentaram-se, no estudo de caso, que teve como finalidade configurar uma metodologia que se adegue às estratégias a aplicar para

a recolha de dados, que também são interpretativas, que segundo Silva (2017, p.5) enfatiza: a compreensão interpretativa, dos resultados obtido a partir dos instrumentos de recolha de dados; a valorização da componente subjectiva do comportamento dos intervenientes na pesquisa revelada pela experiência; a procura de significados dos factos construídos pelos intervenientes, para melhor compreender o fenómeno em estudo; a explicação da interacção da comunidade de investigação e das acções protagonizadas pela mesma comunidade. O estudo de campo serviu para recolha de informação e cingiu-se no modelo paradigmático de investigação crítica decorrente de uma metodologia quantitativa sustentada pelo estado da arte e da aplicação de questionários que serviu como técnica de pesquisa para alcançar os resultados, o mesmo continha perguntas fechadas.

No esteio das metodologias quantitativas em educação, por serem mensuráveis, ela permitiu comparar os dados saídos da amostra, com as informações trazidas pela revisão de literatura, de modo a serem tratadas e compreendidas por meio de dados estatísticos, que para o estudo remeteu-nos ao método indutivo, por permitir-nos observar e compreender o fenómeno através dos resultados produzidos e chegar a uma conclusão.

Assim sendo, foi a partir da aplicação destes métodos que se efectivou a base lógica da investigação, tudo isso deveu-se ao facto, uma vez que o paradigma para a concepção dessa investigação ter incidido sobre a metodologia quantitativa, defendida por Roussel (2000); Mondim (2003); Silva (2004) e Simões (2016) e, que, para melhor ilustração, o autor recorreu a esse procedimento metodológico por se fundamentarem num intenso e exaustivo estudo do fenómeno, que a partir dos instrumentos de recolha de dados obteve-se os resultados esperados, se comparados com outras variáveis retratadas por outros resultados.

As informações recolhidas partiram de uma população com 90 inquirido, com uma amostra de 75 informantes e teve a seguinte distribuição: Instituto Nacional de Avaliação de Desenvolvimento da Educação (INADE) responderam 20 informantes; Instituto Nacional de Formação de Quadro da Educação (INFQE), foram preenchidos 15 questionários; Magistério Mutu Ya Kevela, preencheram 20 questionário; Liceu 22 de Novembro, responderam 20 inquiridos.

A partir dessa amostra, os resultados obtidos serviram para comparar com os provenientes da revisão de literatura, por estarem em conformidade, com os esperados, se tiver em conta as diferentes variáveis. Como por exemplo, aquelas com carácter interventivos, que fizeram com que os resultados, por um lado pudessem interagir com os objectivos e por outro influenciar aos objectivos de que se espera (variáveis intervenientes). Uma outra tem a ver com a inserção de temas transversais com conteúdos de filosofia para o pré-escolar e ensino primário e da disciplina de Filosofia no I ciclo do ensino secundário no currículo escolar destes subsistemas de ensino, que de certa forma interferirá no conteúdo do plano curricular, tidos como factores externos (variável independente) e, por último, aquela que tem a ver com um aprendizado por excelência de que se espera por parte do aluno, que é tido como sendo, factor interno (variável dependente).

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a aplicação dos instrumentos de recolha de dados, a pesquisa evidenciou as respostas produzidas por ela, respondendo assim ao problema de partida através da

apresentação e análise dos resultados produzidos no processo de investigação, onde procedemos a discussão dos resultados obtidos.

As respostas extraídas do inquérito demonstraram um carácter conclusivo, por serem provenientes da amostra seleccionada, que no desenvolvimento da pesquisa permitiu que nas discussões tivessem em conta a observação etnográfica por apresentar os fundamentos, relevantes ao quadro da real situação, que se está à vivenciar no actual estado em que o ensino se encontra, que constituiu matéria suficiente para melhor compreender, descrever e explicar a importância da inserção desta disciplina no plano curricular.

A observação etnográfica na visão de Angrosino (2009, p.138), demonstrou que os estudos declinaram não na perspectiva de método, mas sobretudo como uma estratégia de análise, por ter uma abrangência indutiva e holística, por nos permitir ir ao detalhe do fenómeno a partir de estudos já elaborados.

Uma vez no lócus da pesquisa e com o desejo de apurar os dados a partir dos instrumentos aplicados e tendo em conta a sua abrangência académica, foi necessário a estratificação dos dados obtidos, pelo facto de todos os respondentes não se reverem nos mesmos propósitos. Assim sendo, para os que não se reveem com a inserção da disciplina de filosofia no currículo contabilizaram 20,7% da população inquerida. Estes alegam não terem o domínio das potencialidades que a mesma neste nível de ensino poderá proporcionar as crianças, por um lado. Por outro, 15,8% dos inqueridos, por considerarem insignificante o ensino da disciplina neste subsistema de ensino, que, para eles, às crianças não possuem maturidade suficiente para interpretarem determinados textos filosóficos. Por fim, um outro grupo da amostra, que corresponde 63,5%, por conhecer e ter o domínio dos atributos que a filosofia pode propiciar aos alunos, concorda com a proposta de inserção da disciplina no currículo escolar.

Embora a pesquisa estar em consonância com os resultados, estudos revelados por Mendonça (2008) demonstraram evidências de que as crianças não só melhoravam as suas capacidades de raciocínio, mas sobretudo desenvolviam as suas capacidades na interpretação de textos e na compreensão das matemáticas. Entretanto, esses resultados servem de sustento de que existem evidências da necessidade desta disciplina ser inserida no currículo, que para Dinis (2011), é enquanto criança, que se começa a despertar a curiosidade e o interesse pela leitura e certamente pelas novelas filosóficas, tal como Lipman tem abordado nas suas experiências. Pois é- mediante as sessões de leitura e ouvindo histórias em novelas filosóficas, que as crianças começam a ter noções de como trocar de ideias e do verdadeiro debate. Esse tipo de aprendizado vai levar a criança para uma actividade significativa e pedagógica, que, segundo Vosniadou (2001, p.9) leva o aluno “aprender melhor quando participa em actividades que são percebidas como úteis na vida real e são culturalmente relevantes”.

É, pois, a partir dessas idades que as crianças começam a ter noção de que tudo que aprendem tem sempre um significado na vida real, daí a necessidade do professor tornar a sua aula numa actividade que pode ser praticável e aplicável para o aluno. Na visão de Dinis (2011), quando o aluno aprende uma determinada matéria e for bem compreendida, isto é, explicar o que conhece e como conhece, esse processo passará por teorias de conhecimento, com carácter construtivistas, por revelarem uma base epistemológica e não pedagógica.

Nesta lógica, o saber não passa a ser uma realidade objectiva, predeterminada exteriormente ao sujeito, passa, sim, a ser uma construção do sujeito à busca de conhecimento. Daí a importância da leitura a partir da iniciação, pois estudos revelam, como nos aponta (ibid. 2011), onde na maioria das crianças, as que apresentam dificuldades de leitura provavelmente terão dificuldades no pensar. Em que, uma vez melhorada a condição de saber ler, necessariamente na interpretação dos textos levará a criança a discernir melhor as suas ideias. Aqui, o autor recorreu a trabalhos feitos por M. Lipman e M. Sharp, em que apresenta uma provocação dizendo “o pensamento e a leitura são interdependentes. A leitura e o pensamento prestam-se uma ajuda recíproca” Dinis (2011, p.9). Esta constatação leva-nos a salientar que quando a criança compreende o que lê, é porque ela sabe interpretar o texto que lê e quando isso acontece a criança está a aprender a reflectir sobre as ideias extraídas aquando da interpretação do texto. Logo, saber ler ajuda a criança a pensar melhor.

Para melhor compreensão nessa secção, apresentamos os resultados que a pesquisa produziu, seguidos de uma análise com base às teorias científicas aqui desenvolvidas a respeito da temática em estudo conforme a descrição do inquérito a partir das dimensões propostas.

- a) No que concerne aos resultados apurados através do inquérito, produzido pela amostra, quanto a primeira dimensão sociodemográfica, apresenta a descrição dos informantes que responderam ao inquérito, tendo em conta a «idade», «género», «habilitações académicas», «Formação profissional» e «Tempo de serviço». Que produziu os seguintes resultados: (i) que maior parte dos informantes têm mais de 45 anos de idade, que corresponde 46,6%; (ii) a maioria dos inqueridos são do sexo masculino, com 54,6%; (iii) que os inqueridos na sua maioria têm o grau de licenciatura, com o total de 44%; (iv) as amostras demonstraram que a maioria dos inqueridos estão na carreira profissional de Professor do Ensino Secundário com 54,6%; (v) e as amostras demonstraram, que 41,3% dos inqueridos têm mais de 16 anos de serviço;
 - b) A segunda dimensão procura esclarecer, o grau de concordância dos inqueridos na escala de 1 a 5, que vai do «concordo totalmente», com a maior pontuação, seguida da escala «concordo»; «não concordo nem discordo»; «discordo» e por último «discordo totalmente»:
- Primeiro: O ensino da Filosofia para Crianças, na Educação Pré-Escolar e Ensino Primário, ajuda o poder de argumentação/reportório de resposta nas crianças?

Relativamente a questão, a pesquisa produziu os seguintes resultados: 46,2% dos inqueridos concordam totalmente, 20,1% concorda, 22% não concorda e nem discorda, 10,1% dos inqueridos discorda e 1,6% discorda totalmente. É um dado pertinente daquilo que o inquérito produziu, na escala dos que não concorda e nem discorda. Para o caso a maioria dos inqueridos afirmou que desconhecia o Programa de Filosofia para Crianças a tal ponto de proporcionar tais valências, outros consideravam ainda ser muito cedo dado a complexidade dos conteúdos do programa, bem como houve quem dissesse, que em caso do argumento que está presente no introito do questionário, for uma certeza acreditam, que todo programa de interacção dialógica em sala de aula venha ser vantajoso para a aprendizagem significativa da criança.

Nessa dimensão, por ser visível, o grau de incerteza que corresponde aos 22%, se comparado, com os demais, é um dado preocupante, tendo em conta o local da pesquisa.

Assim, os resultados estão em conformidade com às teorias científicas aceites e constantes nas diferentes abordagens, se tivermos em conta, os estudos elaborados por Dinis (2011), nos quais sustenta, que a capacidade de se ter esse reportório de resposta é o resultado das dinâmicas constantes no processo de ensino-avaliação-aprendizagem, que eleva a criança a saber estimular e desenvolver o pensamento crítico, que só foi possível com a inclusão da disciplina de Filosofia para Crianças no sistema escolar.

O avanço registado no aprendizado das crianças sobre essa temática foi mensurado através das pesquisas feitas por Pedroso e Malacarne (2008), a partir de resultados configurados em experiências mantidas com os pais e encarregados de educação dos alunos envolvidos na investigação, para avaliar a capacidade de argumentação dos mesmos, sobre determinados valores, afectos a justiça, liberdade, bem, mal, felicidade, amor e outros, pelo que, os alunos demonstraram-se mais conscientes e responsáveis, com um reportório de resposta excelente, tendo levado os autores enfatizarem, que:

... é importante ressaltar que os alunos entrevistados, ao colocar suas diferenças, para o pesquisador, em seu modo de pensar ou sentir, souberam expressar-se bem, colocando suas opiniões de forma clara, inclusive em assuntos variados como relacionamento familiar e valores, conseguindo expressar os seus sentimentos e opiniões de forma transparente. (Pedroso & Malacarne, 2009, p.10).

Estes estudos demonstraram que com a inserção da disciplina no sistema de ensino, todos esses postulados vão de certa forma facilitar que a criança comece desde cedo a desenvolver as suas habilidades cognitivas e psicomotoras, tornando-a capaz de estimular a curiosidade, a investigação, a argumentação, a criticidade e a criatividade, fazendo-a reflectir sobre a realidade na qual estão inseridas. Isto porque, com o ensino desta disciplina, as crianças tanto podem facilmente ter a capacidade de influenciar outras crianças, mas também de consciencializar, com base na argumentação, bem como começar a ter o domínio de pensar de forma autónoma e autorregulada. Isso vai permitir que a criança se preocupe com a maneira de pensar, fazer com que se empenhe naquilo que lhe é ensinado. Em outras palavras, fazer com que as crianças e adolescentes nestas idades saibam pensar cuidadosamente, ter um compromisso e assumi-los. Os conteúdos, uma vez introduzidos nos programas curriculares do sistema do ensino angolano, serão uma novidade, que se mantém distante das crianças, se tivermos em vista as abordagens pedagógicas e antropológicas contidas nos programas curriculares.

- Segundo: saber em que medida os inqueridos concorda ou discorda as seguintes afirmações nas quais o ponto 1 corresponde «concordo totalmente», 2 «concordo», 3 «não concordo nem discordo», 4 «discordo» e 5 «discordo totalmente». Para o propósito o inquérito produziu cinco provocações, de forma aferir qual o grau de concordância.

A segunda questão para a 2ª Dimensão, esta reflectida numa escala de avaliação (Likert) com cinco afirmações, que são:

(i) Os professores deveriam ter mais formação em Filosofia.

Com essa afronta, o inquérito produziu os seguintes resultados: 15,3% concorda totalmente; 44% concorda; 24,2% não concorda nem discorda; 10,1% não concorda; e 6,4% discorda totalmente. Nota-se que está em conformidade com os resultados esperados, porque o papel do professor é de fazer com que o aluno em sala de aula tenha curiosidade de tudo querer saber, através de perguntas bem formuladas. Tudo isso, o professor ao conhecer o seu aluno, deverá saber investigar as suas necessidades e na

situação em que ela se encontre, formular problemas, criar situações de diálogo. Nesta perspectiva o professor deve ser dinâmico, criativo, actualizado, para saber contextualizar as informações do dia-a-dia das suas crianças, com as demais disciplinas, razão pela qual o professor como tal dever ser e estar bem formado, que o torne actualizado e actuante.

Para essa questão o grau de concordância é relevante, se tiver em conta a provocação de Pacheco e Flores (1999), onde defende que quanto mais formado estiver o professor, maior capacidade ele terá de seleccionar, de organizar e de ordenar os conteúdos programáticos obedecendo uma sequência lógica e coerente de modo a facilitar a compreensão do aluno. A imperiosidade do professor estar formado e procedido de uma formação contínua é de suma importância pelo simples facto do professor em sala de aula proceder individualmente os seus afazeres, na disciplina de filosofia e sobretudo Filosofia para Crianças, em sala de aulas onde propõe exercícios e planos de discussão a partir das ideias principais contidas nas novelas filosóficas.

(ii) O ensino da Filosofia para Crianças contribui na aprendizagem significativa.

Nesse domínio, a pesquisa determinou o seguinte resultado: 16,9% concorda totalmente; 30,5% concorda; 22% não concorda nem discorda; 20,3% discorda; e 6,7% discorda totalmente. Embora estar em conformidade, nota-se uma certa relutância, que segundo as opiniões dada no inquérito, foram os que alegaram não terem o domínio da filosofia, na sua plenitude, de forma a aferir se concorre para tais procedimentos.

Para essa sessão Dinis (2011) recorreu às experiências de Lipman, de forma a sustentar melhor a imperiosidade da aprendizagem significativa que as crianças devem ter em sala de aula e a prática demonstra que a participação activa da criança com a leitura é um bom começo para esse tipo de aprendizagens quando todos leem. O aluno quando lê e ouve o seu colega a ler começa a ter noções de troca de ideia e do verdadeiro debate. Esse tipo de aprendizado vai levar a criança numa actividade pedagógica, comprometida com o primeiro postulado construtivista, ao carácter construtivo do conhecimento.

Essa forma de aprendizagem na sala de aula, como nos mostra Vosniadou (2001), os professores podem tornar as actividades mais significativas, situando-as num contexto autêntico, quando a mesma actividade para além de ser praticável é também aplicável no dia-a-dia.

(iii) O ensino da Filosofia para Criança, como tema transversal na Educação Pré-Escolar.

Nessa inquietação a apreciação feita nos instrumentos recolhidos produziram o seguinte resultado: 11,8% concorda totalmente; 42,2% concorda; 15,4% não concordo nem discorda; 15,2% discorda; 15,6% discorda totalmente. O mesmo acontece com o resultado anterior, com um senão, mesmo não tendo o domínio das obras produzidas por M. Lipman, o que o introito traduz, dá sim à possibilidade de que com a inserção se possa colher todas essas valências de que se pretende obter.

Autores como, Silva e Velasco (2020) recorreram a provocações feitas pelo filósofo M. Lipman na década de 1970, com as quais propunha um Programa de Filosofia para Crianças (PFpC) criado por ele, denominado Filosofia para o Pensar, onde desenvolveu procedimentos metodológicos para ser ensinado na iniciação. Esse programa de “filosofia reelaborada e reconstruída para que fosse acessível, aceitável e atraente às crianças” Lipman (1995a, p. 379), como nos diz Silva e Velasco (2020, p.2) tem como pragmatismo,

o exercício dialógico em sala de aula, naquilo que Lipman intitulou por “comunidade de investigação”.

(iv) O currículo do I Ciclo do Ensino Secundário deve incluir a disciplina de Filosofia para Criança.

Nesse algoritmo o inquérito lançou o seguinte resultado face a provocação: 22% concorda totalmente; 25,4% concorda; 20,3% não concorda nem discorda; 18,8% discorda; 13,5% discorda totalmente. Os resultados demonstram a necessidade da inserção da disciplina no programa curricular, logo está em conformidade com os resultados esperados.

Recorrendo em experiências obtidas por outros países, como nos mostra (Silva & Velasco, 2020, p.2), o PFpC procura relevar o quão é tão importante o ensino da filosofia para ilustração da realidade e a maneira como o ajuda interpretar e a par de tudo isso compreender o que está ao seu redor como a si próprio. São esses factores que ajudam a compreender a importância da inclusão desta disciplina e, tem mais, com a inclusão da disciplina nos diferentes níveis de aprendizagem buscará conciliar o ensino contextualizado e fundamentado em temáticas filosóficas, com o que está regulado nas competências e habilidades.

(v) A frequência às aulas de Filosofia deve ser obrigatória.

Nesse quesito, conforme os resultados apurados, 18,8% concorda totalmente; 20,3% concorda; 18,6% não concorda nem discorda; 27,1% discorda; 15,2% discorda totalmente. Essa amostra é decorrente dos inqueridos que alegaram não terem o domínio da filosofia, na sua plenitude, de forma aferir se concorre para tais procedimentos, como também de aqueles que consideram, as crianças nessa terna idade não compreenderem o ensino da filosofia como tal.

Recorrendo em normativos de outros países, neste caso como o Brasil (DCE: 2006, p. 21-22), o autor (Pedroso & Malacarne, 2008, p.2/3), sustenta a obrigatoriedade das frequências as aulas de filosofia, pelos seguintes factores:

É no espaço escolar que a Filosofia busca demonstrar aquilo que lhe é próprio: o pensamento crítico [...] onde sujeitos exercitam a inteligência, buscando o diálogo e no embate entre as diferenças a sua convivência e a construção da sua história.

Como também para ser perceptível este programa deve concentrar-se na promoção metódica e sistemática da capacidade do aluno em tematizar e criticar, de modo rigoroso, conceitos, proposições e argumentos, valores e normas, expressões subjectivas e estruturas formais. Daí a importância da permanência as aulas, para que o aluno possa desenvolver tais capacidades que vão servir de barómetro, se o aluno vem ou não melhorando o seu poder filosófico reflexivo, sustentada na maneira de pensar traduzido no seu repertório de resposta.

Entretanto, depois de feita a análise, saída dos resultados e conseqüente discussão, os estudos revelaram a necessidade de propor uma estrutura curricular, que se desenvolverá em forma espiral, apesar de cada Programa vir a ter um tema específico ou pontual. Os mesmos serão recuperados e reforçados no decorrer da continuidade dos programas subsequentes, acompanhando a progressão do desenvolvimento cognitivo das crianças a serem sustentada por uma comunidade da investigação filosófica a vir a ser criada.

Assim sendo, para:

(i) O pré classe, que compreende crianças com idades de 5 e 6 anos, o tema a ser ministrado serão contemplados a partir da Comunidade da investigação filosófica – (CIF), que é um dos pilares da FpC e que recorre aos diálogos, métodos interrogatório (ironia) e ao método reminescente (maiêutica), todos métodos socráticos desenvolvidos pela filosofia da ciência de Charles Peirce, pela epistemologia e teorias políticas de John Dewey, pela psicologia social de George Herbert Meade e Lev Vigotsky e pelo método de discussão em sala de aula de Justus Buchler.

Nesse campo, uma (CIF) como modelo pedagógico a este nível de escolaridade, que se prevê criar coloca o educador e a criança numa posição de colaboradores, onde o aluno com auxílio do professor adquire a capacidade de gerar e partilhar conhecimentos. A forma de se ter essa proeza em sala de aula resulta da criação de condições, onde as ideias podem ser fluidas, discutidas e debatidas, de forma que todos participem e aí o professor passa também ser parte integrante do debate não como tal, mas como se fosse igualmente do grupo.

Para que se regista um diálogo itinerante em sala de aula, é de suma importância que nesse espaço se registre o seguinte: conversação, diálogo e comunidade. Se isso for evidenciado em sala de aula, segundo Lipman, pelo que corroboramos, está a fazer-se filosofia. Nessa perspectiva, a filosofia:

...impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde crianças, adolescentes, educadores e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se de ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. Lipman (1998), citada, por Sousa (2019, p.61)

(ii) a primeira e segunda classes, que compreende crianças com idades de 7 e 8 anos, o tema selecionado será Filosofia da Natureza/Ambiente. A aplicação deste tema em sala de aula, nesse nível de ensino deve ser feita, por intermédio do diálogo investigativo, que se traduz no exercício de saber pensar e pensar bem, não somente sobre aquelas questões que tem a ver com conhecimentos das primeiras causas e dos princípios, do mundo material e do conhecimento científico, como também, a construção de significados culturais. Para o caso, os sujeitos presentes na comunidade de investigação, para além do professor e aluno temos ainda os pais e encarregados de educação, pelo facto das temáticas em abordagem caracterizar o objecto do conhecimento, que vai levar o aluno para um pensamento crítico e reflexivo, daí a necessidade do 3º agente.

(iii) a terceira e quarta classes, que compreende crianças dos 9 e 10 anos, com o tema, Filosofia da linguagem ontológica. A aplicação desse tema em sala de aula, neste nível de ensino, é de suma importância, pois leva a criança ter um o aprendizado que passa pelo aprimoramento da linguagem, que permite a ligação ontológico-semântica, nas diferentes formas de discursos, por uma correlação entre o que se comunica e o que se quer aprender com o que se comunica, daí a importância da leitura em grupo e em individual e a forma de problematizar as inquietações levantadas, de maneira a identificar e resolver problemas.

(iv) a quinta e sexta classes, crianças de 11 e 12 anos de idade, o tema indicado é Formação Ética Para a aplicação desse tema, na comunidade de investigação em sala de aula, os professores precisam de ter em conta no seu exercício, ensinar as crianças a

considerarem questões e comportamentos éticos. Que para o caso, as abordagens podem contemplar questões como: causa e consequência, valores proporcionados pela filantropia, cidadania, valores sobre os cuidados a ter com o ambiente. Todos eles são valores, que não são mensuráveis em termos materiais, mas, as suas consequências são sim calculadas, quando as crianças e adolescentes lhes são renegados todo esse aprendizado a partir da tenra idade; e

(v) a sétima, oitava e nona classes, como disciplinas independentes, temos: Ética, Lógica e Teoria de conhecimento. Para se ensinar filosofia a partir da Comunidade de Investigação em sala de aula deve-se ter em conta, as diferentes áreas de conhecimento da própria filosofia, que para o tema em causa e como disciplina independente, começa-se com a disciplina de Ética na 7.ª classe, Lógica na 8.ª classe e Teoria do conhecimento na 9.ª classe. Que julgamos ser capaz de produzir no adolescente um aprendizado com certos valores morais, responsável pela construção do conhecimento. Essa forma de aprendizagem leva-nos a ter uma noção global dos conteúdos, permitindo-as saber fazer uma analogia correcta dos diferentes conhecimentos (empírico e racional), com um poder de argumentação muito forte, que vai permitir diferenciar entre bons argumentos e falácias. A descrição do conhecimento, e como diferenciá-lo do verdadeiro de uma simples opinião, resume-se na melhor interpretação, que são fundamentadas em valores morais apregoadas pela sociedade e caberá então a ética em declinar-se aos estudos desses mesmos valores.

A coexistência social, a importância de pensar de modo reflexivo, autónomo, global e sistemático, propícios ao filosofar perfaz que a sua inserção deve ser feita de forma faseada, onde o papel do educador e do professor, é de despertar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, ou seja, transformar os obstáculos, em dados para a reflexão. Com isto, o professor deverá saber investigar a necessidade das crianças e a partir do contexto, formular problemas, criar situações de diálogo. Nesta perspectiva o professor deve ser dinâmico, criativo, atualizado, de modo que ele saiba contextualizar as informações do dia-a-dia das suas crianças, com as demais disciplinas.

4 - CONCLUSÕES

O presente estudo teve como principal objectivo, proporcionar a criança e ao adolescente um espaço educativo capaz de estimular a curiosidade, a investigação, a argumentação, reflexão, a criticidade e a criatividade, tornando-a profícuo no ser, estar e fazer. Numa avaliação geral do objectivo, este demonstrou que a pesquisa faz uma abordagem à volta da pertinência do Programa Curricular, do Subsistema da Educação Pré-escolar, Ensino Primário e I Ciclo do Ensino Secundário, por estes não preverem no seu currículo, conteúdos de filosofia para crianças, como temas transversais para o pré-escolar e ensino primário e a disciplina de filosofia, para o I Ciclo do Ensino Secundário. Por ser neste período escolar, onde as crianças e adolescente começam a aprender a pensar por si mesmas, passando pelas várias fases de ensino, isto é, faz com que elas adquiram a capacidade de reflectir e criticar.

Essa mesma capacidade tornará o indivíduo num investigador dentro da sua comunidade de investigação que é a sala de aula. Por um lado, nessa objectividade a Filosofia para Crianças segundo ensaios provocado por Dinis (2011) concluíram, que constitui num programa que procura atentar e instigar as crianças e adolescente em saber construir o pensamento lógico. Por outro, os estudos feitos responderam aos objectivos inicialmente traçados, que permitiu elaborar as seguintes conclusões: (i) os resultados confirmaram que o ensino da filosofia neste subsistema de ensino leva a criança a ter um poder de

reportório de resposta; (ii) os resultados apontam evidências, que os professores deste subsistema de ensino deveriam ter mais formação em Filosofia; (iii) os resultados mostram evidências de que o ensino de filosofia na criança contribui na sua aprendizagem significativa; (iv) os estudos realçam a concordância dos inqueridos, em que o currículo do I Ciclo do Ensino Secundário deve incluir a disciplina de Filosofia; e (v) os resultados demonstraram evidências, de que a obrigatoriedade a assistência as aulas de Filosofia não é tão relevante, embora a revisão de literatura trazidas por países que experimentaram tais proezas recomendem, sim, a obrigatoriedade a assistência as aulas de filosofia.

As experiências, trazidas por Mendonça, (2008) e de outros autores como descrevemos no decorrer da pesquisa demonstraram que com a inserção da FpC, as crianças e adolescentes melhoravam as suas habilidades cognitivas, perfazendo no aumento de suas capacidades na interpretação de textos e na compreensão das matemáticas. E os estudos concluíram, que a pertinência de todo esse desiderato trará sucesso se tiver em conta o seguinte:

- a) Para o Pré-escolar, a classe de iniciação, se prevê a inserção de temas transversais nas disciplinas de Comunicação Linguística e Literatura Infantil.
- b) Para o Ensino Primário, que são as 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a e 6^a classes, ainda como temas transversais, os seus conteúdos deverão serem introduzidas nas disciplinas de Estudo do Meio; Ciências da Natureza; História e Educação Moral e Cívica.
- c) Para o I Ciclo do Ensino Secundário, que corresponde a 7^a, 8^a e 9^a classe, os estudos contemplam a inserção da disciplina de Educação para Cidadania. Para o efeito interessa ressaltar, que o conceito de Cidadania é visto em Educação Moral e Cívica, porém não abrange as três dimensões de conhecimento, em que abordam questões como: princípios de legitimidade política; construção de identidade e de responsabilidade social e por último conjunto de valores. Apenas o terceiro é abordado com maior profundidade. Assim sendo, a disciplina de Educação Moral e Cívica, para o I Ciclo do Ensino Secundário deverá evoluir para a disciplina de Educação para Cidadania.

Assim sendo, a proposta do Programa de Filosofia para Crianças de M. Lipman, uma vez inserido no currículo escolar deve-se ter em atenção três aspectos fundamentais, para a sua exequibilidade, no sistema de ensino em Angola: (i) primeiro, deve-se reflectir nos conteúdos programáticos, que compõem o processo de ensino-avaliação-aprendizagem consubstanciado na leitura, aqui o aluno deve saber ler com todas nuances e saber ler nessas condições, fundamenta-se em saber interpretar os textos que lê; (ii) segundo aspecto é resultante da interpretação dos textos correctamente, aqui o aluno deve saber questionar tudo aquilo que vivencia fora e dentro da sala de aula, bem como dos assuntos produzidos ao seu redor, que para o caso, saber questionar começa por saber encontrar solução para as questões levantadas, ou seja, as questões formuladas, desde que cabimentadas saber procurar e encontrar uma solução, ainda que não as tenha; (iii) e por último saber produzir uma discussão reflectiva, com questões resultantes de um pensamento bem estruturado, fundamentado a partir de um pensamento lógico.

Em função de tudo isso, os estudos também sugerem, ao contrário de outras realidades, que as novelas a serem criadas, as suas histórias e romances devem sim seguir uma padronização que levará a criança e o adolescente para um pensamento africanizado num mundo globalizado e nunca primar pelo globalizado, assim acontecendo o interesse pelo aprendizado poderá ser desvirtuado. Aqui os personagens criados nas histórias e

contos devem sim serem africanos, com maior abrangência serem angolanos, onde elas podem escolher os seus personagens, dialogarem com eles e que os debates se fundamentem em questões significativas da sua verdadeira cidadania. Para a nossa realidade julgamos importante enfatizar acontecimentos que vão de encontro ao nosso contexto. À título de exemplo transformar a obra de Neto Sagrada Esperança, em novelas e romances filosóficos, através de contos, histórias e narrativas contextualizadas e recontextualizadas.

As limitações consubstanciaram no facto dos resultados não poderem constar na discussão informações relevantes, como sendo os que seriam da proveniência do ensino superior. Tais aferições, por não estarem ao alcance do pesquisador, como sendo: maior abrangência e diversificação de opiniões, por parte dos informantes, como por exemplo, as informações provenientes da recolha de dados limitarem-se apenas em Luanda, um outro impecílio, que esteve na base foi a não participação no preenchimento dos questionários, por parte dos Professores do ISCED-Luanda, ficando assim, por registar as suas contribuições, que julgamos estarem providas de muita sapiência e nessa conformidade a pesquisa ficar somente confinada aos profissionais do Subsistema do Ensino não Universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angrosino, M. (2009). Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed.
- Cardoso, A. L. (2011). Educação para o pensar: O lugar do diálogo na teoria e na prática Lipmaniana. Minas Gerais: São João Del-Rei.
- Comissão de Acompanhamento e Avaliação da Reforma Educativa. (2014). Relatório da Avaliação Global da Reforma Educativa. Luanda: Editora Moderna.
- Da Silva, A. A. (2017). As Metodologias em Educação. Unidade curricular de Metodologias de Investigação em Educação. Mestrado em Ciências de Educação: ISCED-Luanda
- Da Silva, J. E. F. & Velasco, P.D.N. (2020). Competências e habilidades para a Filosofia na escola: correlações entre os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a proposta lipmaniana de Filosofia para Crianças. Santa Maria: REFilo. Revista Digital de Ensino de Filosofia. periodicos.ufsm.br/refilo.
- Da Silva, L. I. (coord.). (2016), Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar: secção 3 Área do Conhecimento do Mundo OCEP. Editor: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). Liliana Marques; Lourdes Mata; Manuela Rosa Áreas de Conteúdo <https://www.dge.mec.pt/ocepe/node/51>
- Dinis, C. M. S. J. (2011). O Que é a Filosofia para Crianças: Programa de Matthew Lipman.PDF Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia-Ética e Política (2º ciclo de estudos). <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1319/1/>
- Durkheim, É. (2007). As regras do método sociológico. Martins fontes. Publicado por: Bianca Wild<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-metodo...>
- Incontri, D. P. e Bigheto, A. C. (2001). Filosofia e Ética para Criança uma proposta Interdisciplinar. Videtur, Porto/São Paulo, Universidade do Porto/USP, V. 15.

- Kohan, W. O. (2000). Filosofia e Infância, possibilidades de um encontro. V. 3. Edição Português. <https://www.amazon.com.br/Filosofia-Infancia-Possibilidades-Um...>
- _____ (2005). Infância. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica
- Marquea, R. (1998). Arte de ensinar – dos clássicos aos modelos pedagógicos contemporâneo. Lisboa: Plátano Editora.
- Mendonça, D. (2008). portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=71 Portal da Criança - Artigos - 71 A Filosofia para Crianças - ...visa desenvolver as capacidades de raciocínio e do pensamento...04/12/2018
- Menezes, P. (2021). O Que é Ciência? Disponível em: www.todamateria.com.br/o-que-e-ciencia/. Portal toda matéria.
- Mondim, B. (2003). Curso de Filosofia. Os filósofos do ocidente, vol. 3 Paulus: São Paulo.
- Oliveira, M. T. (1991). Didáctica da biologia e geologia: biologia: linguagem. Lisboa: Universidade aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/10016>
- Pacheco, J. A. & Flores, A. F. (1999). Formação e Avaliação de Professores. Porto: Porto Editora.
- Pedroso, A. M. M. & Malacarne, V. (2008). Filosofia para crianças: uma experiência no ensino fundamental público. <https://conhecerepensar.wordpress.com/2019/03/04/filosofia-para...>
- Rodrigues, A. S. (2013). Filosofia para crianças. Artigo; Crianças a fazer filosofia. Mais do que possível, é recomendável e até imprescindível. Objetivo: formar futuros cidadãos com pensamentos autónomo e consciência social. curiosidade.pt/filosofia-para-criancas-curiosa-idade/
- Sharp, A. M. & De Moura, Z. C. (1988). Excerto da entrevista 13 de Janeiro. Mendham, U.S.A.: International Conference in Philosophy for Children.
- Sousa, J. R. da S. (2019). Estudo sobre a relevância da imaginação e da criatividade na Filosofia para Crianças. Trabalho para dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. <https://1library.org/article/a-comunidade-de-investigação-filosófica-cif.ynlw501q>.
- Vosniadou, S. (2001). Como aprendem as crianças. UNESCO: Série Práticas Educativas. Academia Internacional De Educação.
- Zabalza, M. (2001). Didáctica da Educação Infantil. Rio Tinto: Edições ASA.